

## 4

### **A formação de palavras em obras literárias: a estilística e o autor**

A criação vocabular por parte dos escritores é um fato interessante porque demonstra a plasticidade da língua no tocante à inovação lexical. Os autores constantemente enveredam por uma trilha literária que pode levá-los a uma revitalização lingüística. Disso já se falava à época de João Guimarães Rosa, quando publicou seus romances nos quais fica clara a virtuosidade do escritor mineiro para com as palavras. A inventividade lingüística também aflorou em outros artesãos da palavra. Exemplo disso é o escritor moçambicano Antônio Emílio Leite Couto, popularmente conhecido por Mia Couto. A inovação lexical iniciada por Guimarães Rosa, há algumas décadas, em *Grande Sertão: Veredas*, *Sagarana*, *Tutaméia* e outras obras, é retomada com fôlego suficiente para a expansão do idioma lusitano a partir dos anos 90, em *Moçambique*, e também com muita qualidade à semelhança de seu mestre, João Guimarães Rosa. Enquanto o escritor brasileiro viajava pelo sertão para melhor conhecer e explorar a língua brasileira; Mia Couto consegue a proeza da reinvenção lexical lusófona fazendo viagens apenas em seu próprio repertório lingüístico e o interior de seu país. Apropria-se da oralidade numa linguagem desarrumada ou estranha, recurso também utilizado por Guimarães Rosa para apresentar as muitas facetas que o Português lhe oferece ou a qualquer cidadão consciente do poder que emana do idioma. Essa dinâmica que junta oralidade, grande repertório lingüístico e envolvimento social com o cotidiano das pessoas de seu país culmina com uma Literatura inovadora e envolvente que é produzida através de um instrumento fantástico: a língua. Não a língua comum, de todos, mas uma língua nova, metaforizada e muito particular em seu íntimo centro de formação.

No tocante aos processos responsáveis pela formação de palavras numa língua, sabemos que a Morfologia Lexical é que fica encarregada da análise de processos lexicais. No entanto, é utilizada nos variados interesses semântico-pragmáticos, porque é o que observamos em obras literárias nas quais os escritores procuram evidenciar em seus textos a necessidade de novos vocábulos

para suprirem as respectivas necessidades humanas de comunicação e também a expressividade pelos inúmeros mecanismos possíveis da língua. Para Lapa (1998), a criação de palavras só se faz por transformação do material já existente ou sua utilização para outros fins, sobremaneira estilístico ou expressivo.

Segundo o autor, o composto constituído por substantivo e adjetivo como em **mão-cheia**, está a origem da composição. Em **verdinegro**, temos a junção de dois adjetivos determinando o matiz da cor. O importante é se notar que antes, havia **verde-negro**. Porém, o processo natural da língua é para que as palavras compostas se tornem únicas, ou seja, aglutinadas numa composição perfeita.

Em **porta-voz**, de acordo com o autor, a junção de verbo e substantivo, obtemos um tipo de composto muito recorrente à Língua Portuguesa que acontece quando o segundo elemento funciona como objeto direto do primeiro. Também encontramos um processo com alta produtividade em **recém-nascido** que exemplifica a formação da palavra reduzida de **recente** com o particípio passado de **nascer**. O processo de composição em que há um advérbio ou preposição com um nome é freqüente em nosso vernáculo. Formas semelhantes percebemos em **contra-ataque, abaixo-assinado, sempre-viva, malmequer e bem-me-quer**.

Outro ponto interessante apontado pelo autor é o que se refere à composição abstrata, pois, ao contrário da população em geral, os literatos criam composições abstratas. Isso ocorre porque os escritores têm mais facilidade em lidar com pontos que requerem abstrações. Entretanto, Lapa (1998) aponta que as estruturas com compostos concretos não expressam igualmente a mesma idéia em nomes compostos abstratos. Ex.:

(17) Amamos com **amor-orgulho** o que é propriamente nosso;

(18) Sou admiração ante a **beleza-espanto** dos formidáveis desfiladeiros.

Normalmente, esses enunciados são expressos como **Amamos com orgulhoso amor e Fico admirado ante a beleza-espantosa**. Observamos que as últimas frases, mesmo que apresentem a idéia anteriormente mencionada em (17) e (18) não são, estilisticamente falando, tão expressivas.

Não nos esqueçamos de que nos compostos de substantivo + substantivo, não há concordância de gênero. Por isso, existem composições como **navio-mãe, e nuvem-macho (a última composição é de Mia Couto)**.

Na linguagem literária, a ênfase de alguns escritores tem sido na invenção de uma nova linguagem sobre esse aspecto, muitos estudiosos se debruçaram sobre as reinvenções lingüísticas.

O vocabulário rosiano apresenta estrangeirismos, latinismos e palavras eruditas, elementos lexicais que sobressaem porque podem ser reconhecidos mais facilmente em relação a suas origens. Riquíssimo, o léxico rosiano tem uma característica fundamental para seu caráter escrito. Segundo Ward (1984), o próprio autor declarou em entrevistas que a incorporação das formas dialetais mineiras aos seus textos levava em consideração que eram formas não gastas pelo uso e que se caracterizavam por um extraordinário conhecimento lingüístico.

Indubitavelmente, Rosa apresenta uma abundância de palavras não dicionarizadas em suas obras o que atesta a preocupação com a inovação lexical. Porém, reflete a deficiência de nossas fontes de informações lingüísticas. Rosa não usou, segundo Ward (op.cit.), um sistema arbitrário nem hermetismos intencionais, somente aproveitou as possibilidades lingüísticas sem burlar os processos tradicionais de formação dos neologismos ou até mesmo o revigoramento de palavras desoradas. Daniel (1968) observa que os prefixos utilizados com mais freqüência pelo autor mineiro em seus textos são **a-**, **des-**, **re-** e **de-** porque são mais recorrentes ao discurso oral na forma coloquial. Um prefixo bastante utilizado por Rosa é o **des-** o qual encontramos em vocábulos rosianos, como, **desdeixar**, **desajoelhar**, **desmisturar**, **despoder**, **desfechados**. Além do efeito acumulativo, típico da derivação, a novidade das criações como **desproduzia** contribui para ampliar o valor expressivo dos neologismos.

Conforme Rivera (2005), a idéia de expressão supõe algo interno à subjetividade humana, sua *psiquê*, seus conflitos relatados na obra. Considerada como algo vago ou oculto, existente apenas no âmago do autor, a obra, quando posta para impressão como trabalho, fixa o sentido nas palavras impressas, impregnando assim as marcas ou as pegadas do autor.

A experiência–limite aplicada à linguagem em si mesma por Rosa faz com que ela seja *trans-formada* em uma outra espécie de signo lingüístico particular. Assim, a busca empreendida pelo autor com afinco e genuidade do mais exacerbado uso de neologismos que lhe conferem um precioso e inesquecível toque de inovação lexical.

A linguagem é transportada fora de si, é a transferência de significação. Para Rosa, as palavras são mágicas sobre as quais construímos toda a literatura e, ao mesmo tempo, os efeitos produzidos por ela. Desde todos os tempos, a palavra era, essencialmente, admirada pelo encantamento e êxtase provocados por sua ação mágica e continua viajando muito sua força esplendorosa. Isso se percebe em **alturas de urubuir**, inovação lexical rosiana que tem como paráfrase, **alturas de urubu ir**.

Segundo Rivera (2005), “A letra faz margens e delimita registros”. (p.86). Por isso, a escrita é prenehe de imagens, que só ela pode desenhar.

Nessa empreitada de João Guimarães Rosa de recriar o português brasileiro, o ato criador de cada pessoa é tão relevante quanto a tarefa coletiva. Essa combinação lingüística que inclui as manifestações individuais e coletivas modifica-se acentuadamente com outros escritores nacionais, visto que seguem o molde do imenso repertório verbal rebuscado e da estilização poética. Diferentemente disso, ele incorpora em suas obras a fala dos sertanejos como um componente imprescindível à descrição do Brasil de acordo com Bolle (2004).

Para a inovação da linguagem, Rosa cria três procedimentos teóricos gerais, a saber:

- (i) a fusão das energias de formação da língua;
- (ii) a fusão de elementos lingüísticos multiculturais e heteroculturais (combinação da norma culta com a linguagem popular);
- (iii) o mergulho do *sermo humílis*.

Primeiro, a ativação das possibilidades de formação da língua de Rosa, segundo Bolle (2004), diz que tem seu próprio método de utilizar cada palavra, como se tivesse acabado de limpá-la das impurezas da linguagem corrente para depois reconduzi-la ao sentido primeiro. Assim, para o escritor mineiro, é importante purificar a língua o que é conseqüência do duplo trabalho de reconstruir até a origem do vocábulo e de torná-lo renovado. Diante dessa concepção, Guimarães trabalha a linguagem e explora a incompletude do português do Brasil.

A inovação lexical de Guimarães Rosa acontece porque ele acredita no potencial lingüístico em movimento. Guimarães Rosa explora as virtualidades da

língua, forçando dessa maneira a consciência etimológica do leitor. Daniel (1968), sobre esse aspecto da obra rosiana, afirma: “Guimarães Rosa efetua na linguagem literária moderna os mesmos desenvolvimentos fonológicos e morfológicos que têm caracterizado a língua portuguesa desde as origens até agora.” (p.91) Essa ênfase dada por Guimarães Rosa à formação dos vocábulos ocorre, contudo, muito além de efeitos gramaticais ou literários.

A segunda concepção rosiana para a inovação consiste na fusão, montagem e combinação de elementos lingüísticos multiculturais. A abrangência universal do léxico nas obras de Guimarães Rosa é considerada um somatório de vários recortes lingüísticos: o código escrito e a fala; o erudito e o popular; a linguagem coloquial e o idioma dos cientistas, o português contemporâneo e o arcaico; brasileirismos e regionalismos; traduções e adaptações de vocábulos estrangeiros.

Segundo Cândido (1956 apud Bolle: 2004), Rosa reúne os materiais lingüísticos presentes e reinventa a língua em que o aproveitamento literário acontece na vida sertaneja de dentro para fora no espírito mais do que na forma.

Fica patente então que o propósito central do romancista é descobrir as leis mentais e sociais do sertão enquanto mundo. Aproveitando o ensejo dessa situação está a inovação da língua, a qual não se constitui por adição dos elementos lingüísticos, mas sim por fundição, lapidação e construção artística.

Os mecanismos de fusão, montagem e combinação de elementos lingüísticos são dotados pelo romancista mineiro no campo da cultura nacional o qual não abandona as disparidades sociais através da variedade lingüística, ou melhor, a diglossia. Esse termo é utilizado pelos lingüistas para contrapor a língua culta a outras variedades não-cultas como a variedade falada, coloquial, familiar, rural e regional.

Por último, Bolle (2004) conclui sua perspectiva teórica de análise inserindo o princípio básico da criação literária em Guimarães Rosa que é o mergulho no *sermo humilis*. Para isso, o próprio autor mineiro dizia que incorporava às suas obras variedades dialéticas da região do Norte de Minas que não eram vistas como linguagem literária e o mais importante: não estão desgastadas e guardam imensa sabedoria lingüística nessa variante. Dessa maneira, inferimos que o *redescobrir* a língua portuguesa não é o principal motivo de suas obras, mas sim a língua estigmatizada desprezada pela Literatura: a fala

das pessoas humildes que necessitam de ensino e prestígio. O *sermo humilis*, ou seja, o discurso dos humildes incorporado às obras rosianas designa o material lingüístico coletado em cadernetas de campo, mas também o próprio ato artístico com a linguagem com o qual o autor lapida esses recursos de dentro para fora.

Com intuito de apresentar as inovações lexicais elaboradas por João Guimarães Rosa em seus textos, fizemos um recorte de um pequeno número de vocábulos para apresentarmos os cruzamentos vocabulares, terminologia mais comum entre os lingüistas, e fusões vocabulares, terminologia utilizada por Basilio (2005), realizadas por João Guimarães Rosa. Nossa pretensão nesta pesquisa se direciona para a introdução do conceito de fusão ou interposição vocabular, especialmente, em Mía Couto. Aqui apresentamos as criações rosianas como forma de privilegiar suas inventividades literárias no Brasil que geraram discípulos em Moçambique e Angola, entre outros. Eis os exemplos da literatura rosiana:

(19) MISTERIOUSANÇAS - “capiou comum, aninhado em meios termos, acocorado. Mas também parente meu em espírito e **MISTERIOUSANÇAS**” (p. 165). A ousadia com que o personagem enfrenta o mistério, para o autor, a formação **misteriousança** traz mais expressividade do que um vocábulo conhecido sem algo inovador como **ousança** em vez de **ousadia**.

Assim, em suas obras, o autor já contemplava a combinação de dois vocábulos em que há perdas fonológicas significativas para os dois, ou pelo menos, para o primeiro. Ilustramos assim o CV em:

(20) TRISTIFADONDOS – no trecho “Diz-se (...) que três delas, na Europa, são essencialmente, terrestremente, deprimentes, tristes, **TRISTIFADONHAS**. (AP, 256). Nessa formação lexical, Guimarães combina os adjetivos **triste e enfadonho** cujo sentido dessa combinação é qualificar como tristes e enfadonhas. Porém, a expressividade contida na fusão ou interposição vocabular **lugubrulho**, na qual há a junção de **lúgubre e barulho** porque o vocábulo consegue juntar duas palavras com alteração mínima. Eis o trecho:

(21) LUGUBRULHO - “Rumor geral, o **LUGUBRULHO**.” (PE, 29/30)

Nesse termo, temos a vogal U comum aos dois vocábulos de forma que a palavra ganha uma significação extremamente antitética, visto que um vocábulo é oposto ao outro. Desse modo, o autor forma uma palavra cruzada com vocábulos cuja significação é contrária. Outra formação muito bem elaborada e que

apresenta uma significação conjunta dos adjetivos **diligente** e **gentil** é **diligentil** no romance Primeiras Estórias:

(22) DILIGENTIL - “Pele tentava ajudar, **DILIGENTIL**” (PE, 105) Esse vocábulo apresenta uma parte fônica comum que harmoniza bastante o processo de amálgama lexical.

A inovação lexical feita pelo autor com **ensimesmudo** é de uma riqueza expressiva um tanto quanto insólita por conta de que ensimesmar-se é uma derivação parassintética que, normalmente, não encontramos tão facilmente nas análises lingüísticas porque recebe um vocábulo parassintético e outro nome. Então, nesse vocábulo há a presença de **ensimesmado** e **mudo**, ou seja, a construção lingüística quer dizer que o jagunço era muito fechado, calado, taciturno, presente no trecho:

(23) ENSIMESMUDO - “Era o danado jagunço:... **ENSIMESMUDO**, sobrolhoso, sozinho sem horas a remedir o arraial, caminhando com grandes passos.” (T, 36)

Um aspecto extremamente relevante nas inovações lexicais elaboradas por João Guimarães Rosa refere-se à mescla que faz com as várias categorias gramaticais. Quer dizer, não há por parte das criações rosianas qualquer dificuldade que prejudique a criação de palavras. Desse modo, podemos mostrar a fusão ou interposição vocabular envolvendo apenas dois substantivos:

(24) FANTASMAGO – fantasma + mago, presente neste trecho de “Te disse: não me dê nome...- retrucou o **FANTASMAGO**.” (AV, 282)

(25) NEBLINUVEM – neblina + nuvem, do excerto de “E o arrozal não chegara a ver, lugar tão vistoso: **NEBLINUVENS**.” (T, 176)

Há cruzamentos vocabulares que envolvem apenas um substantivo e um adjetivo, como:

(26) FERRABRUTO – amálgama de ferrabrás + bruto presente no excerto “Espichado o **FERRABRUTO** amassou moita de mentrasto, caiu como vítima” (T, 73).

(27) MOSCAMURRO – em “ vivia, **MOSCAMURRO**, raivancudo, senão de si, não gostando de ninguém”. A junção de mosca + casmurro nessa combinação vocabular que contém a sílaba **ca** em comum fazendo com que haja uma integração perfeita de um vocábulo ao outro.

Os cruzamentos vocabulares com a presença de dois verbos são menos numerosos do que com as outras categorias gramaticais, é o que constatamos em:

(28) **ESCRAPULAR** – os termos escrapetear + pular têm em comum a consoante **p** que contribui para a junção desses verbos no trecho “Até os cães vinham ladeando, disgramados, sarapulando, **ESCRAPULANDO**, em confusão de correria.” (MM, 127)

Podemos encontrar com mais regularidade os cruzamentos com um verbo e outra categoria gramatical, tais como, substantivo ou adjetivo, como exemplificamos nos casos abaixo:

(29) **ESQUIVANÇAR** – há o adjetivo **esquivar** + **avançar** no trecho “O ajudante-de-criminoso não se rindo, e eu ainda mais **ESQUIVANÇANDO**.” (PE, 161)

(30) **ESTAPAFLORIR** – também existe o adjetivo **estapafúrdio** + **florir** no fragmento de “A erva, conseqüente, permeio às tumbas, a grama urbana; um **ESTAPAFLORIR**; zumbidos, às vezes borboletas.” (AP, 98).

Há, por fim, os cruzamentos vocabulares com dois adjetivos nos quais não é necessário sabermos qual a categoria gramatical que prevalecerá porque os dois vocábulos pertencem à mesma classe, assim com os dois verbos em forma de cruzamentos vocabulares ou qualquer categoria discursiva com palavras do mesmo grupo morfológico. Eis os exemplos:

(31) **RANCORDIOSA** – os adjetivos opostos **rancorosa** + **cordial** presentes neste trecho de Tutaméia mais uma vez apresentam a antítese já comentada neste trabalho num só vocábulo. Eis o fragmento: “Ela era: seus olhos sem cinzas, **RANCORDIOSA**.” (p. 23) Nessa combinação desses termos, encontramos vocábulos antitéticos, como **rancorosa** e **cordial** num só vocábulo em que a expressividade se torna mais interessante.

Essa abordagem sobre os cruzamentos vocabulares utilizados por João Guimarães Rosa para a inovação lingüística tem como objetivo evidenciar a ligação entre o escritor mineiro e Mia Couto, visto que está muito presente nas suas inovações lexicais marcas características da escrita rosiana.

Restringimo-nos às fusões vocabulares, objeto de estudo desta dissertação, porque há nas obras de Guimarães Rosa um significativo número de fusões, tais como, **funebrilhos**, **diligentil** (já citados), **copoanheiros**, **severossimilhanças**, **velhouco** e **urubudista**. Por essa razão, entendemos que existe uma estreita

relação quanto à inovação morfológica entre os dois escritores de modo que um estudo lexical a respeito de Mia Couto nos solicita uma análise mais contundente do escritor mineiro de forma que possamos ligar suas formações que envolvem dois vocábulos nos estudos referentes às formações neológicas compostas por dois nomes com significativas perdas fonológicas. Isto é, as fusões ou interposições vocabulares agora em análise nas obras de Mia Couto fazem recorrência ao processo de inventatividade realizado por João Guimarães Rosa.

#### 4.1

#### **Análise da fusão vocabular em Mia Couto**

Conforme a proposta apresentada por Basilio (2005) acerca do estudo do cruzamento vocabular diferenciando-o de fusão vocabular, é apresentada aqui a análise de algumas palavras coletadas de várias obras literárias do escritor moçambicano Mia Couto que corroboram o entendimento das idéias defendidas pela autora em seu estudo referente às características da fusão ou interposição vocabular como um processo morfológico de grande produtividade lingüística.

A partir das características assinaladas no cruzamento vocabular em Basilio, há a necessidade do estudo à parte de cada uma dessas características.

O primeiro ponto a ser abordado no estudo da fusão vocabular se refere ao aspecto da sistematicidade, tendo em vista que as palavras não são escolhidas aleatoriamente, uma vez que a fusão vocabular se mostra sistemática. O que pretendemos é mostrar que se torna extremamente importante a seleção das palavras envolvidas na fusão vocabular. Pois, a eficiência da fusão vocabular depende das bases a serem utilizadas. De acordo com os exemplos que seguem, torna-se mais perceptível esse princípio diretor da formação de fusões vocabulares na língua escrita: Eis alguns trechos nos quais estão as fusões vocabulares:

(32) ABISMARAVILHADO – “Quando os olhos dela me chegaram recuei em tais boquiaberturas, de ABISMARAVILHADO.” (TS, 120)

(33) AGRADÁDIVA - “Uma esposa assim, era uma AGRADÁDIVA.” (M, 67)

(34) ALEGRITOS - “Mas quando notaram melhor as cores dos brinquedos, meus olhos se desenrugaram. Num instante, se espalharam risos e ALEGRITOS.” (C, 80)

(35) ANALFABETAS - “ \_ O que é isto? Voltámos ao passado, ANALFABESTAS?” ( VZ, 63)

(36) ANALFABETIZADOS - “Em gerais, se sabe que há dois tipos de ANALFABETIZADOS: os que lêem o matutino e os que matutam as leituras.” (C, 180)

(37) ANIMALDADES - “Em todo o lado se propagavam assaltos, consporcarias, ANIMALDADES.” (CH, 42)

As palavras utilizadas na fusão ou interposição vocabular são selecionadas conforme a necessidade da idéia que se pretende transmitir e, sobretudo, do modo como esse processo de formação é concebido no que se refere ao aspecto fonológico. Ou seja, se a fusão vocabular fosse concebida de maneira avulsa, certamente a idéia seria transmitida sem nenhum problema, mas a formação deixaria a desejar quanto à sonoridade, e conseqüentemente, o seu uso seria comprometido. A eficiência da fusão ou interposição vocabular está muito mais além do que juntar duas bases, uma vez que a estilística da sonoridade é um ponto a ser conservado nas fusões vocabulares bem sucedidas.

O vocábulo **alegrito** citado anteriormente é um bom exemplo do que foi dito até agora, já que o autor poderia utilizar outras palavras na fusão vocabular, em que a idéia a ser transmitida seria a mesma. Contudo, no que tange à sonoridade da formação resultante deixaria a desejar, porque poderiam ocorrer formações do tipo **contegrilo** (contente + grilo) ou **aleberro** (alegre + berro), ou seja, mesmo ocorrendo a substituição de alegre por contente e grilo por berro, o que acarreta formações sinônimas de **alegrito**, porém não se tornam bem sucedidas do ponto de vista do fenômeno da fusão vocabular. A ausência de interação das palavras a qual é proporcionada pelo material fônico compartilhado por vocábulos que formam uma fusão vocabular, sendo esse material fônico o elo de fusão. É a presença desse compartilhamento de material fonológico que faz dessa fusão vocabular uma combinação plena.

Esse fato ocorre com as outras palavras do grupo (i), pois, em **analfabesta** ocorre a fusão de **analfabeto** + **besta**, podendo, hipoteticamente, ocorrer a substituição de analfabeto por ignorante, em virtude de as palavras manterem o mesmo significado. Assim como abismado poderia ser trocado por espantado na fusão vocabular **abismaravilhado**, fera por animal em **animaldade** e dádiva por

graça em **agradádiva**. É claro que se tratando do aspecto semântico das palavras contidas na fusão vocabular, já que a substituição das palavras originais por palavras sinônimas não surtiria o mesmo efeito quanto à sonoridade como argumentado anteriormente. Sem falar que incorreria contra outra característica fundamental da análise da fusão vocabular, que está relacionada ao material fonológico compartilhado pelas palavras envolvidas em uma fusão vocabular. Logo, a fusão vocabular prima pela forma sonora e não pela forma gráfica, aspecto esse que será tratado com exemplos mais adiante.

O aspecto da sistematicidade é muito interessante para estas fusões: **hiperpótamo, pirilimpo, mortorista e participassiva, e vislembrar e zoo-ilógico**.

(38) HIPERPÓTAMO - “Ao inverso, o hipopótamo: Acertado seria: o HIPERPÓTAMO.” (EA, 98)

(39) PIRILIMPO - “Já o outro, bem higiênico: o PIRILIMPO.” (C, 130)

(40) MORTORISTA - “Fosse o motorista um MORTORISTA.” (C, 62)

(41) PARTICIPASSIVA - “O Juvenal, predisposto, incitou a multidão a ser PARTICIPASSIVA.” (RT, 64)

(42) VISLEMBRAR - “Foi nesse ventre líquido que se assistiu ao que, de tanto assombro, me fuge de VISLEMBRAR.” (C, 106)

(43) ZOO-ILÓGICO - “A cidade e o ZOO-ILÓGICO: qual deles aprisiona o outro?”

A expressividade é um fenômeno de muitas facetas linguísticas, porque, para cada situação, ela se desenvolve de maneira ímpar. Mas, o resultado é sempre uma formação muito esmerada. Não é diferente com esta pesquisa. Por exemplo, a substituição da parte **hipo-** de hipopótamo por **hiper-** nos apresenta um vocábulo um tanto quanto engraçado. Etimologicamente, hipopótamo quer dizer cavalo do rio de **hippo-** do grego (=cavalo) e potamós do grego (=rio). Assim, o vocábulo **hiperpótamo** foi estruturado por dois radicais gregos opostos **hiper-** e **hipo-** em que o primeiro traz a idéia de acima e o segundo abaixo, mas que no substantivo hipopótamo essas idéias não estão presentes. A idéia expressiva contida nessa formação é a de que se refere a um animal corpulento, excessivamente grande. Aqui podemos perceber um caso de reanálise, conforme o texto de Gonçalves & Almeida (2006) em que uma parte da palavra é alçada à condição de uma base livre. A expressividade é extremamente rebuscada também em **zoo-ilógico** em que

foi incorporada na palavra hospedeira – **zoológico** -, a palavra invasora - **ilógico**. Dessa maneira, houve a integração dos dois significantes integralmente dos aspectos fonológico e semântico, resultando assim no sentido de que trata de um zoológico às avessas.

Outro ponto importante a ser observado em uma fusão vocabular está ligado à questão da predicação, tendo em vista que, como salientado por Basilio em seu estudo acerca desse processo de formação de palavras, uma das palavras envolvidas na fusão ou interposição vocabular predica a outra palavra, isto é, qualifica-a. E uma palavra exerce a função de palavra invasora, enquanto a outra exerce a função de palavra hospedeira.

Conforme os exemplos que se seguem, é possível observarmos que uma palavra é introduzida à outra palavra. Esse fato é decorrente do alto teor de compatibilidade (semelhança) entre o material fônico comum.

(44) CAROLINDA - “Vinha acompanhado de sua esposa, CAROLINDA.” (TS, 131)

(45) MARMURAVA - “Mas o rio teimava em segurar o verde na paisagem. Longe, o Índico MARMURAVA.” (VZ, 45)

(46) TELESFÉRICOS - “De vez em quando espreitavam lançando seus olhos TELESFÉRICOS.” (TS, 49)

(47) MARIAVILHOSA - “MARIAVILHOSA, triste, desistiu de argumentar.” (RT, 72)

(48) EXUBERRANTE - “O fogo é um exclusivo dono, o EXUBERRANTE macho.” (TS, 133)

(49) ELAFANTE - “O macho da gazela? O gazele. A fêmea do elefante: a ELAFANTE.” (C, 127)

(50) CURVILINDAS - “Figurinhas assim arredondosas, essas mulheres CURVILINDAS despertando febres.” (VZ, 32)

De acordo com a fusão vocabular **Carolinda** fica perceptível de maneira nítida a predicação ocorrida, uma vez que o adjetivo linda exerce essa função em relação ao substantivo Carolina, sem mencionar o fato de que o substantivo Carolina tem o papel de termo hospedeiro, enquanto o adjetivo linda é o termo que predica. O fato mencionado anteriormente ocorre na fusão vocabular **telesférico**, ou seja, na fusão vocabular quando há a associação de um adjetivo e um substantivo, o adjetivo desempenha o papel de termo responsável pela

predicação de uma fusão vocabular. Logo, não é regra o termo invasor exercer a função de termo predicante em fusão vocabular.

A partir da fusão vocabular **Mariavilhosa**, é perceptível que o substantivo **Maria** exerce a função de termo invasor em relação ao adjetivo **maravilhosa** que possui a função de termo hospedeiro, isto é, o termo hospedeiro é que predica o termo invasor. Na fusão vocabular **Mariavilhosa**, há a predicação por parte de **maravilhosa** em relação ao substantivo **Maria**. Ressaltamos que o termo invasor não tem a função de predicar o termo hospedeiro, e sim de ser predicado pelo termo hospedeiro. Com isso, fica nítido que o adjetivo exerce a função de predicante de um substantivo, independente de ser termo invasor ou não. A fusão vocabular **elafante**, o pronome **ela** exerce a função de termo invasor, enquanto o substantivo **elefante** exerce a função de termo hospedeiro. Na fusão vocabular **marmurar**, fica claro a presença do substantivo **mar** como termo invasor, mas em relação à predicação cabe ao verbo **murmurar** essa função.

Diferentemente desses exemplos, na fusão vocabular **exuberrante** é nítida a presença do adjetivo **berrante** como termo invasor e cabe ao adjetivo **exuberante** a função de termo hospedeiro. Não é fácil identificar a função de termo predicante, pelo fato de se tratar de dois adjetivos, ou seja, vocábulos de mesma categoria gramatical, porém percebemos que **exuberante** é o termo predicante. Já na fusão vocabular **curvilindo**, mesmo se tratando de dois adjetivos, é possível perceber que o adjetivo **lindo** exerce a função de termo predicante, enquanto **curvilíneo** por fazer referência às curvas femininas recebe a função de termo predicado.

O terceiro aspecto inerente às características encontradas em uma fusão ou interposição vocabular se refere ao material fônico compartilhado entre as bases presentes nesse processo de formação vocabular.

Conforme Basilio (2005), o objetivo do cruzamento vocabular é uma interferência predicativa impregnada no sentido da palavra base. Como observamos em:

(51) ATRAPALHAÇO - “Quando percebi, até fiquei ATRAPALHAÇO.”  
(VF, 14)

(52) REICLINADO - “Ele ali estava, REICLINADO no velho cadeirão.”  
(UV, 132)

(53) ILUAMINADOS - “E os dias, ILUAMINADOS, se extinguíam no quarto de onde nunca haviam saído.” (CNT, 89)

(54) CRISTALINDA - “Iniciemos pela moça: ela era espantadamente bela, com face de invejar aos anjos. Nem água fosse mais CRISTALINDA.” (EA, 21)

(55) EMBEVENCIDO - “Nessa noite, por primeira vez, ele fez amor, EMBEVENCIDO.” (EA, 32)

(56) EMBRIAGORDO - “Deitado num velho muro, ventre inchado, EMBRIAGORDO.” (TS, 171)

(57) EMPERTIGORDO - “Mas esse meu marido é uma alma pernada. Se o visse: altivo, EMPERTIGORDO.” (EA, 130)

(58) BELZEBURRO - “E depois, em conseqüência, Ermelinda se irrita comigo a ponto de discutirmos nas vistas do público. Até chamou-me BELZEBURRO.” (UV, 95)

Nesse último grupo de fusão vocabular, encontramos nessas combinações de dois vocábulos, em que um funciona como a predicação do outro. Assim, temos os respectivos predicativos – **palhaço, inclinado, iluminados, lindo, vencido, gordo e burro** – os quais predicam suas bases hospedeiras, em ordem: **atrapalhão, rei, lua, cristal, embevecido, embriagado, empertigado e belzebu.**

Segundo as palavras de Basilio (op. cit.), “Do lado fonológico, temos a superposição de um outro significante sobre o significante da palavra base hospedeira, mas de tal maneira que se atinge, na realidade, não apenas uma superposição, mas um *entranhamento*.” (grifo nosso) O fenômeno do entranhamento que ocorre na fusão vocabular é muito criativo que pode acarretar dúvidas em relação à ortografia de determinados lexemas. Isso acontece em:

(59) MAISCUINO - “\_ Esse homem aí era do sexo MAISCUINO?” (UV, 32)

(60) MAUTRAPILHO - “O italiano estava num desfarrapo. Cabelos baldios, em desmazelo. Foi então que apareceu um homem, todo MAUTRAPILHO, que a si mesmo fez menção:” (UV, 40)

(61) MAUTRAPILHOSO - “Nem valia a pena prosseguir diálogo: ele era um local, igual aos outros, MAUTRAPILHOSO.” (UV, 76)

(62) MAUDADES - “E, desconsolado, abanava a cabeça – o que vale a gente implementar MAUDADES.” (C, 142)

Na primeira composição de **mais e masculino**, houve a adição da vogal I, pois há a idéia da expressividade focada no adjetivo masculino que, por sua vez, é supervalorizado pela presença do advérbio de intensidade mais. No entanto, poderíamos imaginar em falta de letramento ou ausência de hábito para com a escrita, uma vez que grande parte dos brasileiros pronuncia e escreve mais sem fazer qualquer distinção morfológica. Essa situação se repete nos vocábulos **mautrapilho** e **mautrapilhoso** nos quais foi substituída a consoante L pela vogal U, considerando a expressividade é muito mais relevante do que a forma tradicional **maltrapilho**.

Entretanto, a questão do entranhamento nesse processo de formação de palavras se torna mais interessante quando ocorre total integração de um vocábulo no outro de tal forma que nos parece ser apenas um único lexema. São exemplos:

(63) BARCO-ÍRIS - “Fora eu que nomeara o bote: BARCO-ÍRIS.” (UV, 50)

(64) SULPLÍCIO - “De noite, ante a crepitação da fogueira, o velho SULPLÍCIO me pedia para relatar minhas aventuras na barqueação.” (UV, 50)

(65) ENVERGORDURA - “Alguns de ENVERGORDURA, calhamaçudos.” (C, 18)

(66) EPIDERMIA - “O que mais há, nos dias actuais, é gente de muita pele (...) A EPIDERMIA, diz-se, abunda...” (C, 184)

(67) HERBIVORAZ - “mais barriga que olhos, o elefante, em verde verdade, é um HERBIVORAZ.” (C, 131)

(68) ENDUVIDADO - “Ele, ENDUVIDADO, nem virou o rosto.” (UV, 218)

(69) BRUTAMONSTRO - “Ele que era BRUTAMONSTRO se diminuía uns tantos tamanhos.” (VZ, 90)

(70) OCAVIDADES - “Aqueles OCAVIDADES pareciam recém-recentes, até faziam estremecer, tal a impressão que a guerra ainda estivesse viva.” (UV, 35/36)

(71) CASBURRO - “Eu, mulher, não tenho voto na madeira. Esse homem CASBURRO.” (CNT, 169)

(72) CONTROVERSÁTIL - “E prosseguia seus lamentos, CONTROVERSÁTI, lá se foi minha matope, esse prato nem ao cu me chegou, os

senhores me desculpem, mezungo não entende o sofrimento de um negro, e prontapinava nas traseiras do cabrito, deixa quieta a gravata.” (C, 99)

(73) ESBUGOLHAVAM - “Mil olhos ESBUGOLHAVAM o branco entrando na pensão. (UV, 36)

(74) ESCARAVELHOTA - “Criatura roída pelo tempo, tão ESCARAVELHOTA que só pode ter saída de tumba.” (CNT, 194)

A combinação ou composição do lexema-fonte e do lexema-invasor ocorre de uma maneira plena, quer dizer, com total integração da palavra invasora na palavra hospedeira. Assim, em **ocavidade**, junção de **oca** e **cavidade**, notamos a integração completa do vocábulo invasor **oca** sobre o vocábulo hospedeiro **cavidade**. Essa integração, às vezes, ocorre em toda sua plenitude que, como diz Basilio, “numa construção morfológica bem sucedida que leva a uma dupla e simultânea quebra de expectativas com resultados preferivelmente grotescos, na medida em que uma reestruturação morfológica força uma reestruturação conceptual.”. Dessa maneira, na fusão de **casburro**, **enduvidado**, **envergordura**, **esbugolhar**, por exemplo, há nessas construções lingüísticas uma mudança conceptual porque acontece a reestruturação morfológica. Então, alguém que é alcunhado de **casmurro**, não carrega em si uma boa imagem; porém, isso se agrava quando temos a expectativa frustrada e descobrimos que a formação é **casburro** a qual torna muito mais grotesca e irônica do que **casmurro**.

A predicação em **escaravelhota**, **brutamonstro** e **maisculino** mantém a estrutura morfológica na composição e organiza uma modificação mínima, conforme assegura Basilio (2005), que facilmente fazemos a identificação da predicação sem prejudicar a continuidade fonológica do vocábulo hospedeiro. É o que vemos em **maisculino** no qual acontece a integração de uma base invasora, **mais** e no seu respectivo lexema hospedeiro, **masculino**.

Por outro lado, a fusão vocabular tornar-se-á plena quando a modificação fonológica for mínima no vocábulo básico que evocará o sentido predicativo no significado do vocábulo fonte. Para corroborar esse raciocínio de Basilio (2005), comentamos as fusões vocabulares - **escaravelhota** e **brutamonstro** – as quais nos remetem às suas respectivas bases originais – **escaravelho** e **brutamontes**. Vemos com isso que existe uma acomodação ou amálgama dos vocábulos nesse processo de formação vocabular.